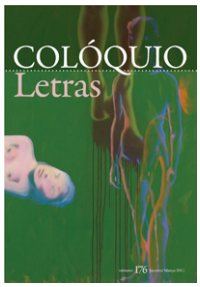

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Patrícia Galvão escreve sobre Pessoa no Brasil, 1955-1961

Kenneth David Jackson

Para citar este documento / To cite this document:

Kenneth David Jackson, "Patrícia Galvão escreve sobre Pessoa no Brasil, 1955-1961", *Colóquio/Letras*, n.º 176, Jan. 2011, p. 194-203.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

[1] Matos e Lemos encontrou o referido artigo enquanto preparava o seu dicionário *Jornais Diários Portugueses do Século XX* (Coimbra, Ariadne Editora, 2006), onde dá informações pormenorizadas sobre *O Tempo*. O mesmo investigador localizou uma resposta anónima ao artigo de Pessoa, intitulada «Lógica... Futurista» e publicada no *Diário Nacional* (monárquico) de 14 de Outubro, acusando Pessoa de não querer ver o óbvio — que a República era disfuncional, sendo a aceitação conquistada por Sidónio Pais «a demonstração cabal da natureza dos sentimentos da Nação, incompatíveis com a feição peculiar do sistema republicano». Numa contra-resposta, «Falta de Lógica... Passadista», publicada em *O Tempo* de 17 de Outubro, Pessoa retorquiu que o *Diário Nacional*, ao invés de responder aos argumentos invocados, se limitou a troçar do arguente por ter colaborado no *Orfeu* [*sic*] e a repetir mais uma vez que «a República faliu», sem explicar o que esta frase significava.

[2] BNP docs. E3/48G-29 e E3/144X-48v. As duas listas foram transcritas *in* Fernando Pessoa, *Sensacionismo e Outros Ismos*, org. Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, p. 276 e p. 309. O investigador, numa nota de rodapé à primeira lista, menciona a possibilidade de o pequeno folheto «Programa» ter sido redigido por Pessoa e interroga-se se ele dataria do primeiro lançamento da revista (1915) ou do segundo (1922). Acontece que a segunda lista, cujo fac-símile é consultável no portal da Biblioteca Nacional Digital (procurar «Fernando Pessoa», caderno n.º 5), elimina qualquer dúvida, pois os conteúdos do caderno onde ela surge, como observa Jerónimo Pizarro na referida edição, datam do segundo trimestre de 1915, com excepção de uma ode ricardiana escrita a lápis muito mais tarde, em 1923.

[3] Leia-se, sobre esta e outras questões, o excelente estudo prévio, da autoria de Manuel Villaverde Cabral, que acompanha a edição fac-similada do panfleto (Lisboa, Contexto Editora, 1983).

[4] Lê-se, em terceiro lugar na lista, «*Eh Real!* = *O Preconceito da Ordem*, e os 2 últimos sueltos». O livro de D. Parodi figura na biblioteca do poeta, à guarda da Casa Fernando Pessoa.

PATRÍCIA GALVÃO ESCREVE SOBRE PESSOA NO BRASIL, 1955-1961

A autora e jornalista brasileira Patrícia Galvão, «Pagu» (1910-1962), dedicou sete títulos a Fernando Pessoa, então quase desconhecido no Brasil, saindo o primeiro em *Fanfulla* (São Paulo) em 1950, na coluna «De Artes e de Literatura», e mais seis no jornal *A Tribuna*, de Santos, de 1955 a 1961[1]. Embora avulsos, quatro das sete textos comemoram o 15.º, 20.º e 25.º aniversários da morte do poeta (em 1950, 1955 e 1960). Os outros três noticiam personalidades e eventos ligados à obra de Pessoa: a declamação das suas poesias por Rui Afonso em Santos («Fernando Pessoa para Declamar», em 14-VIII-1955); a publicação pelo poeta e ensaísta português exilado Adolfo Casais Monteiro do livro *Estudos sobre*

a Poesia de Fernando Pessoa pela livraria Agir («Encontro com Casais Monteiro», 05-X-1958); a tradução de Pessoa para o francês no volume 73 da série «Poètes d'aujourd'hui» da Editora Seghers, por Armand Guibert, incluindo a «divulgação internacional» da «Ode Marítima» («Fernando Pessoa em 'Poètes d'aujourd'hui'», em 2-X-1960); e, finalmente, uma notícia sobre a publicação pela Aguilar, em 1960, da *Obra Poética* editada por Maria Aliete Galhoz, conceituada estudiosa portuguesa, e a *Antologia Moderna* lançada em São Paulo por João Alves das Neves na Editora Íris, em 1961, com uma escolha das maiores obras do poeta («De Novo Fernando Pessoa», em 19-III-1961).

Ficando inexplicavelmente sem referência nos grandes levantamentos bibliográficos exaustivos sobre Pessoa e a sua geração, estas colunas esquecidas representam o pensamento da conceituada romancista, jornalista e mulher de letras Patrícia Galvão. O compositor Gilberto Mendes comenta a presença em Santos nessa época da «lendária Pagu»: «era uma mulher extraordinariamente bem informada, com um enorme interesse por tudo... tinha um humor, uma perspicácia e finura intelectual especiais. E gostava das pessoas»[2]. As suas colunas sobre o autor da «Ode Marítima» precisam e merecem ser conhecidas e valorizadas porque figuram entre os esforços pioneiros de divulgação e interpretação da obra de Pessoa na imprensa brasileira, dirigidos ao público para afirmar a significação e a grandeza do poeta português. Nestes artigos, Patrícia Galvão documenta fontes para as primeiras leituras da poesia de Pessoa no Brasil, comenta ensaios e livros dedicados à sua compreensão e tradução na década de 1950 e promove «um nome que está crescendo». Além de assinalar esses eventos e publicações importantes para o conhecimento da obra pessoana, as colunas distinguem-se pela perspectiva brasileira da jornalista, caracterizada por um enfoque internacional e comparado. Patrícia prefere entender o poeta no contexto da poesia europeia da sua época e nos termos de uma recepção estética, fundada em qualidades literárias e expressivas. Contribui com julgamentos e interpretações que antecipam os que foram estabelecidos pela crítica internacional a seguir, ao mesmo tempo que revela uma certa ingenuidade, nutrida pelo entusiasmo, quanto à natureza e complexidade do arquivo literário pessoano e aos problemas da sua eventual impressão em livro. Essas perspectivas da escritora e intelectual Patrícia Galvão fazem parte da história da recepção crítica da obra de Pessoa no Brasil.

Embora o nome de Fernando Pessoa tivesse aparecido na imprensa brasileira desde 1913 (15-VI-1913, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, numa dedicatória de Mário de Sá-Carneiro a «O Homem dos Sonhos»), o primeiro estudo a sair no *Boletim de Ariel*, em Abril de 1938, era transatlântico, repetindo no Brasil o artigo de Adolfo Casais

Monteiro «O Exemplo de Fernando Pessoa», publicado no *Diário de Lisboa* em 9-XII-1937[3]. O interesse do estudo de Casais Monteiro não resulta apenas de ser o primeiro a surgir no Brasil e do facto de ter existido, entre o crítico da revista *Presença* e Pessoa, um contacto pessoal que culminou na celebrada carta de Janeiro de 1935 sobre a origem dos heterónimos, mas sobretudo porque Casais Monteiro haveria de emigrar em 1954 para o Brasil, país onde continuaria a actuar como a principal personalidade literária, mais tarde com Jorge de Sena, a divulgar e a estudar a obra pessoana.[4] No Congresso Internacional de Escritores de 1954, em São Paulo, onde fora convidado como conferencista português, Casais lê o ensaio clássico «Fernando Pessoa, o Insincero Verídico», publicado no mesmo ano em Lisboa[5], e segue com 17 artigos n'*O Estado de S. Paulo* e outros em diversas fontes da imprensa brasileira. Ainda em Setembro desse ano publica em livro, com prefácio de sua autoria e traduzido em colaboração com Jorge de Sena, *Alguns dos «35 Sonetos» de Fernando Pessoa*, editados pelo Clube de Poesia de São Paulo. Uma vez fixado no Brasil, torna-se amigo do casal Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão, chegando a prefaciar o romance *Doramundo*, de Geraldo Ferraz, na segunda edição, de 1959[6].

Alguns anos antes das colunas de Patrícia Galvão, além das obras do português Casais Monteiro, apareciam artigos na imprensa escritos pela «meia-dúzia de leitores» que a jornalista dizia conhecerem Fernando Pessoa naqueles tempos. O crítico português João Gaspar Simões, futuro autor, em 1950, da primeira biografia do poeta, publicou «A Apresentação de Fernando Pessoa» na *Revista do Brasil* em Novembro de 1938. Já no ensaio «Uma Suave Rudeza», de 4-VII-1939, Mário de Andrade confessa a dificuldade em compreender artistas de culturas diferentes, alheias às experiências dele, em que há «a predisposição para os erros de julgamento coletivo»:

> Além de uma verdade individual ou universal, que eu poderei compreender e usar completamente, outras verdades existem no artista, verdades de ordem social, nacional, regional e até de grupo, que jamais poderei re-sentir, tornar usual pra minha entidade psíquica, de forma a compreender esse artista com exatidão. O caso de Fernando Pessoa, para esta crônica portuguesa, me parece característico do que afirmo. Os poucos brasileiros meus amigos, mais ou menos versados nessa notável inteligência portuguesa, se assombram um bocado com a genialidade que lhe atribuem certos grupos intelectuais de Portugal. Ora, nem portugueses nem brasileiros estaremos provavelmente errados nisto. É que Fernando Pessoa representa, em certos grupos portugueses, uma concretização de ideais múltiplos que nos escapa. E desconfio que à infinita maioria dos portugueses o nosso Machado de Assis estará na mesma posição.[7]

Quanto à possível compreensão literária entre brasileiros e portugueses, a desconfiança de Mário de Andrade funda-se nas teorias do poder regenerativo da experiência e realidade americanas. Distingue entre impulsos juvenis de artistas brasileiros, tomados pela paixão da novidade da sua literatura, de um lado, e escritores portugueses, ligados a padrões de tradição, que representam uma ameaça para a espontaneidade da criatividade brasileira:

> Suponhamos que o artista brasileiro esteja um pouco... delirante, não haverá possibilidade dos portugueses nos perdoarem por algum tempo este delírio? Inda mais: poderão os portugueses compreender que se a nossa literatura não lhes faz mal nenhum, a deles pode nos ser, no caminho da nossa puberdade, um perigoso descaminho? O escritor português é secularmente português em sua literatura... Um escritor português tem um grande passado que não só lhe determina a força expressional como lhe evita se contagiar com as más companhias. [...] Mas para nós os portugueses não representam apenas uma atualidade misteriosa e estrangeira que podemos contemplar sem perigo. Os portugueses são para nós todo um passado, um passado próximo e por isso mesmo perigosíssimo, um eterno e sedutor convite a «acertar em Portugal e errar no Brasil» como no epigrama.[8]

O nome de Fernando Pessoa continua a aparecer, num artigo do poeta Domingos Carvalho da Silva, «Através da Nova Poesia Portuguesa», no *Correio Paulistano*, em 19-IX-1943, e «Fernando Pessoa-'ele mesmo'», em 6-II-1944, onde comenta a primeira antologia que Casais Monteiro publicara em 1942 pela Confluência. Cecília Meireles citou a poesia de Pessoa como «o caso mais extraordinário das letras portuguesas» na introdução à sua antologia *Poetas Novos de Portugal* em 1944 (Rio de Janeiro, Dois Mundos). Saíram nessa época artigos de mais três figuras eminentes: um crítico (Antonio Candido na revista *Clima*, em Setembro de 1944), um poeta (Murilo Mendes na *Folha da Manhã* do Recife, em 10-XII-1944) e um romancista (Lúcio Cardoso em *A Manhã* do Rio de Janeiro, de 1946 a 1950, e em *Letras Brasileiras*, em Janeiro de 1950)[9].

Aparece na «Quarta Secção» do *Diário de S. Paulo* dedicada à literatura e às artes, em 1 de Dezembro de 1946, «precisamente onze anos, na data de ontem» do falecimento do poeta, talvez o mais extenso contributo jornalístico até à data sobre as «quatro faces» de Fernando Pessoa assinado por Geraldo Ferraz, organizador do suplemento. Trata-se de mais uma achega para o conhecimento de Pessoa, na qual se reconhece a participação de Patrícia Galvão, sempre ausente das bibliografias mesmo no que respeita à recepção do poeta no Brasil.

O título anuncia não um estudo, mas apenas uma «Informação e Breve Comentário sobre Fernando Pessoa: Um Homem Que Era Quatro Poetas», acompanhada por uma pequena antologia reproduzindo exemplos dos «quatro»: Soneto XI de «Passos da Cruz», «Dobrada à moda do Porto» (Álvaro de Campos); «Três Odes de Ricardo Reis» («Quando, Lídia, vier o nosso outono», «Ténue, como se de Eolo o esquecessem», «Para ser grande, sê inteiro») e «Poema XXXII» de «O Guardador de Rebanhos» (Alberto Caeiro). Ao explicar o caso de um poeta que era «uma legião», muito além do caso de Mário de Andrade, o repórter reproduz longos trechos da carta de Pessoa a Casais sobre a origem dos heterónimos, fenómeno que Ferraz situa e comenta com uma clareza notável:

> Os diferentes nomes sob os quais escrevia Fernando Pessoa, não representam apenas como pode parecer, assim, o gosto por pseudônimos. Ao contrário, compreendem figuras absolutamente distintas na vida e na obra do poeta, produtos organicamente vivos para ele e poeticamente existentes para nós, eis que qualquer das referências heteronímicas produziu algo de diferente, de pessoal, que não pode ser mais reunido sob o nome da certidão de nascimento de Fernando Pessoa.

Resumindo dados encontrados nos volumes de poesias publicados por João Gaspar Simões e Luís de Montalvor a partir de 1942, Ferraz passa essa «informação» ao público brasileiro, guiado pela sua orientação de jornalista e crítico de arte. Ainda reproduz um trecho da «Ode Marcial» em 2-III-1947 (p. 2), com um simples comentário, «Publicado sob o heterônimo de Álvaro de Campos»[10]. Ao todo, são talvez uns dez artigos na imprensa brasileira antes de 1950. Por volta de 1955 funda-se na cidade de Santos um Centro de Estudos Fernando Pessoa (com Saulo Ramos, Maria Luisa e Francisco Azevedo).

Se as reticências colocadas por Mário de Andrade em 1939 implicam o isolamento da crítica brasileira e uma falta de acerto devida ao próprio élan modernista nacional, já em 1950 Patrícia Galvão pode tratar de Fernando Pessoa num plano internacional de cultura literária. Dedica a sua atenção a qualidades poéticas comparadas, aos temas filosóficos, à composição estética e ao protesto político-cultural «contra o absurdo da civilização que fizera a primeira guerra mundial e os seus estadistas de papelão.» Reflectindo em parte a tensão entre a democracia brasileira do pós-guerra e a censura salazarista que então dominava em Portugal, e para limitar-se a considerações mais literárias do que culturais, considera a obra poética de Pessoa maior do que os temas circunscritos pela sua vivência portuguesa, atitude que a leva a condenar a *Mensagem* como «o mais fraco dos seus livros, onde cuida de Portugal.» A internaciona-

lização com que Patrícia vê Pessoa deve muito à fase da «Antologia da literatura estrangeira» que a escritora organizou e publicou no *Diário de S. Paulo*, de 1946 a 1948, na qual a jornalista apresenta e traduz cerca de 90 autores seleccionados da literatura mundial. De 1950 a 1953, escreve 55 colunas sobre literatura e cultura brasileira sob a rubrica «De Artes e de Literatura», estampadas no jornal ítalo-paulista *Fanfulla*. Altamente preparada para situar a obra de Pessoa em termos da literatura nacional e internacional do seu tempo, sem as restrições do «psiquismo» localista sentidas por Mário de Andrade, a crítica literária *em jornal* de Patrícia Galvão levanta uma voz equivalente à do *Diário Crítico* de Sérgio Milliet (1898-1966) ou do *Jornal da Crítica* de Álvaro Lins (1912-1970), ambos da mesma época[11]. Há nas suas colunas observações que irão caracterizar uma primeira fase de recepção da obra pessoana e, ainda, formulações críticas insólitas, às vezes altamente sugestivas, com *insights* de interesse para a crítica actual.

Nas primeiras colunas, a cronista segue o conselho do poeta António Botto, no «Poema de Cinzas», publicado no suplemento do *Diário de S. Paulo* em 24-VIII-1947, de cantar em homenagem ao poeta desaparecido. É assim que Patrícia o apresenta ao público, como um desconhecido, porém «o poeta máximo da língua portuguesa... maior do que Antero de Quental, maior do que Camões». Explica-se essa dicotomia pelo «meio tão pobre» da literatura portuguesa, em que os poetas verdadeiros passam desapercebidos, segunda pensa Patrícia. A cronista contribui para uma futura divisão da recepção da poesia pessoana em três vertentes: coração, sensibilidade e inteligência. Na segunda coluna, ao abordar a declamação de Rui Afonso em Agosto de 1955, continua a tratar do conceito da voz. Descobre num Fernando Pessoa lido um poeta convincente, dramático, grande e sensível, de tal maneira que, ao ouvir a «Ode Marítima» declamada, sente o encontro e a participação do mar. A sonoridade é «transformadora», suficiente para que, quando colocados os poemas à altura da inteligência e do ouvido do povo, segundo a jornalista, todos possam vibrar com eles. Ao comentar os heterónimos, entendidos naquela época como quatro grandes nomes, incluindo o de Pessoa-ele-mesmo, Patrícia figura entre os primeiros críticos a considerá-los igualmente importantes e todos essenciais para se poder conhecer a poesia de Pessoa: «devemos compreender a existência de quatro poetas, diferentes, distintos, perfeitos os quatro, e todos imprescindíveis para se estabelecer um conhecimento com a poesia de Pessoa, o seu gênio e o seu drama»[12]. Humilde, a cronista reconhece no prefácio de Casais Monteiro à primeira antologia, de 1942, a interpretação e explicação do «imenso poeta» através das quatro faces, «mediante a carta que Pessoa escreveu a Casais sobre a origem deles»[13]. Lembra-nos que a antologia de Casais Monteiro representa o primeiro contacto que os leitores brasi-

leiros tiveram com Pessoa, antes dos volumes da suposta obra completa da Editora Ática.

Na coluna de Outubro de 1955, antecipando o 20.º aniversário da morte, vislumbramos as primeiras referências a Pessoa como poeta universal, nos moldes da experiência da própria jornalista na longa travessia de crítica à cultura brasileira: Pessoa representa as inquietações da vida intelectual para «essa pequena fração a esclarecer, sempre, e a orientar, sempre, por mais pedradas e vaias que tenhamos de receber». A identidade portuguesa do poeta é subordinada ao «ponto culminante da inteligência e da sensibilidade universais»; o ser português é uma casualidade — «geogràficamente ocorrida em Portugal» — desmentida pelo poeta que opta pela língua inglesa e nela se refugia, com o objectivo, segundo a cronista, de procurar um público e uma divulgação mais eficientes:

> O poeta que Portugal deu ao modernismo mundial, certamente, não era um homem confinado ao país em que vivia — Fernando Pessoa era acima de tudo um europeu, uma consciência bem viva de homem da Europa no século XX, e assim a sua grandeza tem de ser dimensionada em escala européia muito mais do que noutra, em escala atualizada da Europa dos grandes poetas inovadores, mesmo aqueles que se colocam em plano subsidiário, no terreno da pesquisa — como foi o caso dos que, entre 1905 a 1925, participaram dos movimentos iniciais do século XX, dando, desde o expressionismo ao surrealismo, a sua preocupação de formular a palavra nova.[14]

Reconhece, porém, que a poesia de Pessoa é que ficou para o futuro, através «do escrito e não do homem». A língua portuguesa torna-se necessária para a compreensão do poeta na medida em que expressa «a inteireza profunda dum psiquismo nacionalmente preparado para compendiar, na forma da poesia, as preocupações de uma geração de que o poeta é a flor». A sua legibilidade, a sua comunicação no largo sentido, só se consegue através da língua portuguesa, embora a sua expressão pertença às inquietações dos leitores da geração moderna do mundo inteiro, na medida em que as preocupações que saem na publicação da correspondência entre Pessoa e Sá-Carneiro demonstram «jovens conscientes do momento europeu em que viviam, onde somente se podia encontrar a necessidade de uma vanguarda»: «Pessoa chegou no momento exato, viveu no momento exato, produziu no exato momento em que a literatura moderna levantava o seu vôo, desde os primeiros versos de Joyce e de Apollinaire, à estratificação subseqüente à primeira guerra mundial, depois do período de desespero, protesto e niilismo, que em literatura e arte ficou sendo chamado o 'período dadaista'.»[15]

Pessoa supera a modernidade de língua portuguesa por mais duas razões levantadas pela jornalista e quase visionárias para a época: cria um Futurismo próprio e, através dos heterónimos, torna-se ele mesmo toda uma vanguarda: «De fato, é um outro Futurismo, sôbre as cinzas do Dadaísmo, o que sobe desta área da prosa de Pessoa. E a sua publicação se fazia necessária, como se faz necessária a sua divulgação para o estudo de um homem que, sendo 'vários', era toda a vanguarda da extrema península, já que um companheiro como Mário de Sá-Carneiro se tinha ido para o Nada.»[16]

Pessoa só começou a viver, diz-nos ironicamente a jornalista, quando desapareceu, pois nesse momento é que se deu conta de que a vida do Poeta fora um «acontecimento... que iluminou um momento histórico-poético mundial, em que se encastou a sua obra poética, como um feixe de pedras preciosas aos poucos desvelado.» Até 1955, lembra-nos, saíra o 7.º e «último» volume das obras poéticas pela Ática; a cronista acredita que depois desses 20 anos a obra inteira estava enfim diante do público. Era já o suficiente para a jornalista fazer um julgamento comparado, colocando Pessoa ao lado de Rilke e Whitman, dos mais contemporâneos, e de Goethe e Shakespeare, em termos de tradição. Patrícia fica entre os primeiros a observar na obra pessoana um contínuo desdobramento, mantendo, «com uma produção em continuidade evolutiva, ascensional, a Poesia portuguesa à altura da grande Poesia do seu tempo, como aconteceu em Ezra Pound e em Eliot, em Reverdy e em Saint-John Perse, em Lorca e Ungaretti, para apenas citar esses grandes visionários».

A consagração da obra de Pessoa não depende da língua portuguesa, na visão internacional da cronista, mas tem muito a ver com as traduções. Ao noticiar o volume 73 da série «Poètes d'aujourd'hui», na tradução de Armand Guibert, ela encontra a primeira grande divulgação internacional do poeta, com um estudo que celebra «um homem inteiramente voltado para a poesia». Lembrando que Guibert já traduzira a «Ode Marítima» para o francês, considera que o novo volume confere uma «imortalidade» à obra pessoana, só possível evidentemente em Paris e em francês, tirando efectivamente Pessoa dos círculos «de efêmera duração ou de reduzido âmbito de leitores» da língua portuguesa. O «volumezinho vermelho» de Guibert é a «glorificação» necessária para colocar o nome de Pessoa na companhia dos ilustres poetas da actualidade.

É na última coluna, de 19-III-1961, que Patrícia, ao comentar a edição da Aguilar, o volume dos «Nossos Clássicos» e a antologia de João Alves das Neves, formula um conceito e uma estratégia de recepção da obra de Pessoa que ainda parece pertinente à crítica de hoje. Considera que a obra pessoana é «oceânica», sendo que os leitores podem entrar e

sair de qualquer texto, sem ordem, guiados apenas pela sua livre escolha dentro do vasto arquivo: «a poesia de Pessoa, não sei se possa dizer, mas digo — a poesia de Pessoa é coisa oceânica, transbordante de limitações, e nela pode-se colher à vontade». Nesse mar de textos, continuam a aparecer os inéditos em revistas e jornais, que renovam a leitura, «chegam-nos novas». Ao ler e considerar a obra de Fernando Pessoa, a cronista estabelece outra distinção de grande importância para a crítica a vir, que é «a posição de Pessoa diante do mundo», de um lado, e a sua actuação como vanguardista «misturado com o bruhahá de nosso tempo», de outro. Com o passar das décadas, quando os vanguardistas todos já tiverem passado, Pessoa ficará como figura singular pela originalidade e universalidade da sua expressão, desde a sua corajosa «crítica, polêmica destruidora e tomada de posição» até à sua volubilidade, «abrangendo tudo, letras e política, países e culturas». Entusiasmada com uma leitura do «Ultimatum», Patrícia vê na grandeza de Pessoa uma poesia de mudança e de denúncia, capaz de enunciar «a palavra suprema do anátema», acto sempre relevante à luz da trajectória dessa mulher conhecida como a «militante do ideal», e, portanto, aos seus olhos, na raiz da humanidade de um poeta «oceânico» e universal.

As sete colunas que Patrícia Galvão dedicou a Fernando Pessoa, num Brasil onde era apenas lido e comentado por um pequeno grupo de especialistas, acrescentam perspectivas penetrantes e profundas, ficando entre as primeiras que colocam a obra do poeta num contexto internacional, a ser lida e julgada principalmente com base nas suas qualidades estéticas e literárias, mas também pela sua capacidade de polémica e sátira contra as terríveis falhas da inteligência humana do seu tempo.

Kenneth David Jackson

NOTAS

[1] Estas colunas foram encontradas no levantamento do jornalismo completo de Patrícia Galvão, projecto coordenado pelo autor.

[2] Gilberto Mendes, *Uma Odisséia Musical. Dos Mares do Sul à Elegância Pop/Art Deco*, São Paulo, Edusp/Giordano, 1994, p. 144-5.

[3] Ver o estudo comparado de Arnaldo Saraiva, «Fernando Pessoa: Influências de (e sobre) Brasileiros», *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português. Subsídios para o Seu Estudo e para a História das Suas Relações*, Porto, 1985, p. 207-21; com informações encontradas em João Alves das Neves, «Estudos Pessoanos no Brasil», *Nova Renascença*, Porto, n.º 7, Primavera 1982, p. 283-8, revisto e republicado em *Fernando Pessoa — O Poeta Singular e Plural*, São Paulo, Editora Expressão, 1985; e Edson Nery da Fonseca, «Três Poetas Brasileiros Apaixonados por Fernando Pessoa», *Colóquio/Letras*, Lisboa, n.º 88, Nov. 1985, p. 102-9: <http://coloquio.

gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=88&p=102&o=p>. O livro de Nelson H. Vieira (1991) inclui informações sobre Pessoa no Brasil.

[4] Ver estudo de Walnice Nogueira Galvão, «O Congresso Internacional de Escritores de 1954: a chegada de Adolfo Casais Monteiro», *in* Fernando Lemos e Rui Moreira Leite (org.), *A Missão Portuguesa. Rotas Entrecruzadas*, São Paulo/Bauru, UNESP/EDUSC, 2003, p. 23-6.

[5] Adolfo Casais Monteiro, *Fernando Pessoa, o Insincero Verídico*, Lisboa, Inquérito, 1954; «Fernando Pessoa, o Insincero Verídico», *in* AA. VV., *Congresso Internacional de Escritores e Encontros Intelectuais*, São Paulo, Anhembi, 1957, p. 320-38.

[6] A primeira edição é do Centro de Estudos Fernando Pessoa, Santos, 1956; a segunda, com o título *Dois Romances: Doramundo*, inclui um prefácio de Adolfo Casais Monteiro datado de «Rio de Janeiro, Setembro de 1958».

[7] Mário de Andrade, «Uma Suave Rudeza» [6-IV-1939], *O Empalhador de Passarinho*, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1944, p. 59-63.

[8] Idem, *ibid*., p. 62.

[9] Informação bibliográfica citada por João Alves das Neves em «Estudos Pessoanos: Subsídios para os Estudos Pessoanos no Brasil», *Intelectuais e Artistas Portugueses do Brasil*, São Paulo, Centro de Estudos Americanos Fernando Pessoa, 1992, p. 68-9.

[10] Juliana Neves, *Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão — A Experiência do Supl. do Diário de S. Paulo nos Anos 40*, São Paulo, Annablume/Fapesp, 2005.

[11] Sérgio Milliet prefaciou a segunda edição do romance de Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão, *A Famosa Revista*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

[12] Antecipa em embrião o ensaio «Fernando Pessoa: o Homem Que nunca Foi» (1977), no qual Jorge de Sena apresenta Fernando Pessoa «ortónimo» (ele-mesmo) como tão heterónimo quanto os outros com nome e estilo próprios. Cf. Jorge de Sena, *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima (Estudos Coligidos 1940-1978)*, Lisboa, Edições 70, 2.ª ed., 1984.

[13] Fernando Pessoa, «Carta inédita de Fernando Pessoa [para Adolfo Casais Monteiro, de 13 de Janeiro de 1935]», *Presença*, n.º 49, Jun. 1937, p. 1-4; Fernando Pessoa, *Obras em Prosa*, ed. Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1982, p. 93-9.

[14] Patrícia Galvão, «Fernando Pessoa a Uma Distância de 25 Anos», *A Tribuna*, supl. n.º 190, 13-XI-1960, p. 4.

[15] *Ibid*.

[16] Patrícia Galvão, «De Novo Fernando Pessoa», *A Tribuna*, supl. n.º 208, 19-III-1961.

DESENRAIZAMENTO E GERMINAÇÃO

Estamos perante um título simultaneamente sugestivo e provocatório, *Lentes Bifocais**, que nos confunde e interpela, já que nos remete para o campo semântico da oftalmologia e da optometria, tão afastado do universo literário no qual se insere o livro de Ana Paula Coutinho. Contudo, as lentes bifocais, utilizadas na presbiopia e na hipermetropia, parecem adequar-se, na perfeição, ao sentido e à dinâmica que a autora quis imprimir à sua obra.